

IRMÃZINHA – Era uma índia pálida.

Cabelos negros, finos, lisos, cortados na horizontal acima dos ombros.

Calma, olhar suave.

Naquela manhã, sentados nos tacos encerados da sala, brincávamos com um ábaco. De repente, Vanda tombou e a ergueram do chão.

Foi um dia agitado. Puseram-me na casa do vizinho, mas voltei, correndo, quando se distraíram, e entrei no quarto de nossos pais.

Deitada, olhos abertos sobre a colcha de renda, Vanda morria.

Aí me puseram no colo e, do alto, sobre a cômoda de madeira escura com uma porta abaulada entre duas colunas de gavetas (coisa típica do que era moderno nos anos 30), vi um copo com água pelo meio e, na borda, atravessada, a colher de sorvete folheada a prata que alguém furtara do Cassino da Urca – aquela mesma que, me lembro, tinha gravado, em baixo-relevo e dimensão minúscula, o número 13.

No dia seguinte, continuava a agitação, já agora da casa de uma tia, em Vila Isabel.

Todas as coisas naquela época eram maiores: o quintal, imenso. Livre, enfim, do apartamento e da vizinhança de parentes, corria e suave desbravando selvas de grama.

No meio da tarde, entrei na sala da casa. Esgueirando entre pernas, tive a última oportunidade de vê-la, centro de atenções, deitada sobre a mesa, linda, com um lírio entre as mãos.

Passados muitos anos, estudando medicina, tentei entender o que houve com Vanda e imaginei dano congênito em válvula cardíaca; , o inesperado e a urgência me permitiram, porém, ser mais ousado e desconfiar até de uma fístula na parede intraventricular que se tenha ampliado subitamente.

De toda sorte, nada se poderia fazer, nem mesmo saber a tempo, naquela época.

Como vai acontecer conosco, passados tantos anos, ninguém se lembra mais de Vanda. Só eu, sobrevivente, tenho saudades.